

Lutando contra os preconceitos

Alessandro Marques da Cruz

EMEF Roberto Mange

Lutando contra os preconceitos foi um trabalho pedagógico realizado na EMEF Professor Roberto Mange com as turmas dos 8º anos e de maneira articulada ao projeto coletivo da unidade escolar, o PEA (Projeto Especial de Ação), cujo tema era: *A prática pedagógica e sua colaboração na produção de relações sociais mais justas e democráticas.*

Tomando como base os pressupostos da Educação Física cultural, nossa proposta de estudo fez uso do mapeamento que identificou e reconheceu os saberes dos estudantes, nos aproximando das diferentes representações de lutas e permitindo planejar momentos de troca de experiências, reflexão e discussão, posicionando-os como sujeitos leitores, colaboradores e produtores culturais.

Inspirados pelas teorias pós-críticas da educação, nos respaldamos no multiculturalismo crítico e focamos nas produções discursivas de alguns estudantes que, inicialmente, apresentaram significações relativas à capoeira como macumba, concebendo, de forma pejorativa sua dimensão religiosa e posicionando-a como diferença. Preocupados com essas questões e impulsionados a ir além da identificação das relações assimétricas de poder marcadas pelas questões etnicorraciais e religiosas, organizamos práticas pedagógicas de aprofundamento sobre o covarde processo de escravidão ao qual foi submetida a população africana e como resistiram. Em meio a um processo dialógico, as pesquisas, os vídeos e as dinâmicas foram de fundamental importância para tecermos novos saberes a partir da problematização de aspectos como a intolerância religiosa, o processo de formação do candomblé e sua resistência ao catolicismo; e às condições da capoeira e sua relação com o sagrado. Mediante a organização e desenvolvimento de atividades de ensino voltadas para esse fim, compreendemos como as desigualdades culturais foram produzidas e impostas pelos grupos culturais dominantes, marcando esse grupo como à diferença.

Conforme se pode observar, trata-se de uma abordagem pedagógica sensível às condições pelas quais a capoeira e o candomblé, práticas culturais dos negros, escravizados, pobres e macumbeiros foram sendo produzidas. Avaliamos que nosso estudo colaborou para que os alunos pudessem afirmar a diferença a fim de reconhecer e

valorizar as produções dos representantes da cultura afro-brasileira. Com isso foi possível questionar a produção das injustiças sociais e das verdades absolutas naturalizadas ao longo da história por grupos em posição social vantajosa, cujos interesses prevaleceram por séculos, impondo formas de opressão aos afrodescendentes. Os registros dos discursos dos estudantes durante o projeto nos mostram a importância do trabalho realizado na desconstrução do preconceito etnicorracial e religioso.

Nas páginas a seguir, dividimos com vocês, caros leitores, os caminhos e possibilidades que encontramos no tecer constante onde o diálogo com outras manifestações culturais, principalmente aquelas pertencentes aos grupos historicamente sem poder, possibilitou aproximar, experimentar, analisar e conhecer outros discursos não familiares, mas necessários para a produção de novas significações. É na escola pública onde as diferentes culturas se encontram, onde, nas suas fronteiras, buscamos estabelecer aproximações efetivas com as diferenças utilizando do multiculturalismo crítico para compreender e identificar como os discursos hegemônicos estabelecem suas verdades e produzem desigualdades. Nesse contexto nos propusemos a desconstruir tais verdades, compreendendo suas formas de regulação. É nessa artistagem do currículo cultural em ação que produzimos intervenções que validam modos de ser, pensar, estar e agir na sociedade que até então foram negados, nossa luta é por uma sociedade mais justa e democrática.

A sociedade e a escola

Diante das constantes cenas sociais que tecem o conflituoso mundo contemporâneo influenciado por diferentes fatores sociais, políticos e econômicos ao longo da história vêm influenciando as relações dos diferentes grupos sociais e provocando mudanças no cenário global. Podemos dizer que essas mudanças se tornaram mais intensas após a segunda guerra mundial, quando ocorreram grandes deslocamentos de diversas populações pelo globo, associados a guerras civis, perseguições políticas, desemprego, fome e miséria. Podemos dizer que a globalização, os avanços tecnológicos e os meios de informações ao tornar o mundo mais próximo correm o risco de homogeneizá-lo, ganham visibilidade o sujeito múltiplo e as contradições e desigualdades sociais com as quais vivemos imprimidas pelas políticas neoliberais. Assistimos as populações que vivem em extrema pobreza, miséria e conflitos religiosos forçados a buscarem condições dignas de sobrevivência, submetendo-se a uma arriscada travessia do mar Mediterrâneo com a utilização de equipamentos não apropriados e de alto risco.

Fatos esses que podem ser considerados a pior crise desde a Segunda Guerra Mundial. Estima-se que alguns países da União Europeia receberam aproximadamente 800 mil refugiados só em 2015. Diante disso, observamos nações do Primeiro Mundo resistirem aos refugiados, levantando cercas e impedindo a passagem de famílias desesperadas, inclusive com envio de soldados para as fronteiras. Porém, também presenciamos a Grécia em crise, pedindo ajuda emergencial à União Europeia para atender os refugiados.

Estamos falando do mesmo mundo, onde de um lado grupos fecham suas fronteiras evitando se misturar com outros grupos culturais e suas mazelas sociais, reduzindo-se à particularidade egoísta do seu sofá e assistindo a morte abraçar outros seres humanos. Alguns conseguem sobreviver e alcançar o seu destino, encontrando pessoas solidárias, ajuda e oportunidade para reconstruir a vida. De maneira atenta a esses fatos, relações, conflitos, acolhimento, humanidade, egoísmo, interesses políticos, econômicos, sociais e culturais, que articulamos nossa leitura de mundo, assumindo enquanto escola nossa função social, dialogando com o global e o local. Entretanto, é nesse constante ir e vir coletivo que nossa prática pedagógica busca colaborar na produção de relações sociais mais justas e democráticas.

Assim nossa proposta de estudo identificou as diferentes representações de lutas através dos registros que acompanham as aulas, sendo realizados durante nosso projeto de diferentes formas, dividiremos com vocês discursos de lutas que surgiram no mapeamento inicial:

As lutas americanas são mentira! Não sai sangue! (WWE).

Forma de entretenimento uma diversão e pode se machucar.

Não é só uma forma de brigar é de se defender.

Não gosto de luta.

Não faço ideia.

Agressivo eu já lutei muay thay.

Gosto de apreciar o kung fu.

MMA é uma disputa por cinturão formada por artes marciais mistas.

UFC feminino mostra que a mulher pode lutar e é forte.

A luta é esporte.

É agressivo e violento.

É uma profissão.

Artes marciais são lutas de espada como a esgrima.

Quais os espaços ou lugares utilizados para a prática das lutas? Onde podemos acessá-las?

Escola, Academias, rua, clubes, centros esportivos, centros culturais, Céu Butantã e casa.

Internet, televisão e eventos de lutas.

Quem já teve alguma experiência com lutas ou pratica?

Capoeira, UFC, muay thai, judô e karatê.

Quais lutas vocês conhecem?

Muay thai, MMA, WWE, karate, boxe, sumô, briga de rua, kung fu, judô, capoeira, taekwondo, kickboxer e esgrima.

Com esse mapeamento inicial planejamos momentos de ricas trocas de experiências entre os grupos, vivenciando as seguintes lutas: UFC, capoeira, judô, muay thai e o karatê. Vale lembrar que partimos das experiências e conhecimento dos mesmos, validando seus saberes culturais e proporcionando condições para que a voz daquele coletivo fosse pronunciada, num primeiro momento falavam sobre suas experiências e como eram organizadas suas aulas ou vivências. À medida que as vivências aconteciam, dúvidas, curiosidades e compreensões eram ampliadas e ressignificadas, além de perceberem os diferentes discursos sobre as lutas, nos possibilitando identificar posicionamentos, objetivos e práticas diferentes. Assim, também questionamos as verdades absolutas sobre essas manifestações culturais.

Identificamos, ao longo das vivências, os diferentes espaços utilizados pelas lutas, suas regras, golpes, estratégias, algumas mais competitivas, outras mais plásticas, suas ritualidades e gestualidades. Algumas tiveram a necessidade de ser ressignificadas justificada pelos alunos: *Gente, na luta MMA, diante das nossas condições precisamos adaptá-la, pois não somos atletas e podemos nos machucar.* Nós propomos para os alunos que praticavam lutas que se possível trouxessem os equipamentos e materiais utilizados nos treinos para os colegas visualizarem, então os alunos trouxeram os materiais de treino como luvas, aparador de chutes e vestimentas para que os colegas conhecessem. Outros discutiram as regras e pensaram nos espaços possíveis para as práticas de lutas na escola. No entanto, o que nos chamou mais a atenção foram alguns alunos terem dito, em tom

pejorativo, que as músicas que acompanhavam o jogo de capoeira eram macumba, essas falas preconceituosas não ocorreram com as outras lutas. Passamos a problematizar interrogando-os sobre o que era macumba e qual a relação da macumba com a capoeira.

Macumba era coisa de feitiçaria.

É coisa do mal que as pessoas fazem para outra;

As batidas do tambor é a mesma da capoeira;

Vale dizer que nesse momento inesperado do fazer pedagógico, onde não sabemos a resposta que o grupo dará é que se faz necessário o diálogo, pois fundamentados na concepção dialógica de aprendizagem é preciso estar atentos aos discursos dos estudantes durante o desenrolar das aulas, sendo assim, o registro é de grande valia. A partir dele, discutiremos e planejaremos ações pedagógicas com o cuidado que tais questões, a nosso ver, merecem. Naquele momento nos professores decidimos aprofundar nossos conhecimentos sobre o candomblé e a sua relação com a capoeira para posteriormente organizarmos ações que contribuam na desconstrução desses discursos preconceituosos. Achamos interessante nos aproximarmos de outras fontes, discursos e olhares não presentes na maioria das lutas midiáticas e no universo cultural dos estudantes.

O currículo cultural em vez de camuflar a diferença promove o confronto e abre espaço para que os/as alunos/as possam externar e analisar os sentimentos e impressões pessoais que se fazem presentes nos momentos de divergência. Chamou-nos a atenção o marcador social religioso até então ausente nas discussões de lutas. Essa ausência e sua identificação quase imperceptível talvez não sejam por acaso, pois, diante do processo de esportivização levado a cabo por entidades do porte da FIFA do Comitê Olímpico entre outras, responsável por eventos que são aceito por muitos países e com forte audiência mundial influenciando e imprimindo a filosofia da sociedade neoliberal atendendo aos interesses midiáticos, comerciais, consumistas e a hipervalorização da técnica e do rendimento, algumas modalidades ao longo dos anos tiveram suas regras alteradas como exemplo o voleibol para atender aos moldes da televisão e sua audiência, assim como as lutas também sofreram o esvaziamento de sua dimensão cultural para enquadrar se aos moldes competitivos.

Essas forças políticas aliadas às mídias colaboram nesse processo discursivo e representativo, isolando os marcadores religiosos, filosóficos e culturais presentes em algumas manifestações culturais. E nessa complexa teia social de disputas de forças que

são anunciadas a concepção de sociedade que os diversos grupos culturais buscam fazer valer. Nossa ação didática, não é neutra, pelo contrário tem seu posicionamento político e se assume como currículo cultural sensível às diferenças, contribuindo com as relações mais justas e democráticas, comprometido com a produção de um mundo mais solidário e com condições iguais de acesso e direitos.

Na continuidade das ações didáticas, decidimos ampliar e aprofundar os conhecimentos trabalhados mediante a recorrência a outras fontes, discursos e olhares não presentes na maioria das lutas midiáticas e no universo cultural dos estudantes. Para tanto, utilizamos o livro *Pedagogia do Esporte Aplicada às Lutas*, especificamente o capítulo 1, no qual se discute os primeiros registros marciais; e o possível berço de algumas lutas.

A leitura desses capítulos colaborou na ampliação do nosso conhecimento, pois Breda (2010) nos trouxe as seguintes contribuições:

- A ideia de que é impossível precisar o surgimento das lutas, pois não se trata de uma ação isolada ou de um grupo, mas uma construção sociocultural que foi se modificando e recebendo novos significados ao longo do tempo;
- A luta atrelada em suas primeiras formas à defesa pessoal e territorial, aparecendo em outras manifestações sociais como rituais, em especial, as indígenas, também para a preparação do exército para guerra no Oriente, na Grécia Antiga como jogo e exercício físico e no Brasil a capoeira como forma de defesa-dissimulação.
- No Oriente as lutas faziam parte das atividades do cotidiano das pessoas como a escrita, a culinária, jardinagem, compondo o modo de vida;
- A luta e sua relação com a religião. Buda ensinava a “arte do punho real” como prática ascética, pois visava ao esclarecimento e à vivência dos seus ensinamentos relativos à unidade da mente e corpo. Esse trabalho foi realizado em duplas onde os alunos tinham como roteiro dez questões que abordavam as ideias acima, além da mediação das professoras discutindo alguns termos não conhecidos ou dúvidas referentes às localizações como a diferença entre oriente e ocidente e a localização dos países citados no texto como exemplo: Grécia, China, Índia, Japão e o Brasil.

O texto permitiu ampliar as discussões e tivemos a sensação que a todo o momento os estudantes tentavam imaginar como seria aquele cenário. Assim, pensamos que seria interessante contextualizarmos alguns dos elementos das culturas orientais por meio da

assistência ao filme *As artes Marciais de Shaolin*¹ que apresenta imagens fantásticas da China antiga, onde as condições sociais e econômicas são retratadas. O filme oferece aspectos interessantes como elementos identitários da cultura chinesa representados nas roupas, estilo do cabelo, prática religiosa, além das características das escolas de artes marciais e suas diferenças. Na primeira cena foi retratada uma cerimônia religiosa, onde duas escolas de artes marciais distintas (os Manchus e os Shaolins) adoravam o mesmo deus, o Deus da Cavalaria. Apesar da rivalidade entre as instituições, o mesmo deus era reverenciado. Observamos a reação dos estudantes: apesar da imagem de uma oferenda ao deus, eles não se colocaram de forma preconceituosa, assim como tinham feito com a capoeira.

Por que não houve preconceito com o ritual religioso chinês, mas houve em relação à capoeira e às práticas religiosas afro-brasileiras? Acreditamos que o multiculturalismo crítico nos ajudaria a ir além da identificação das relações assimétricas, onde certas manifestações são posicionadas como diferença, mas compreender como elas foram sendo construídas ao longo do tempo e quais os mecanismos utilizados nessa maquinaria. Segundo Rodrigues e Abramowicz (2013), a não diferenciação entre diversidade e diferença esvazia tanto a desigualdade quanto a diferença. Afirmam ainda que a diversidade esvazia a diferença, pois o diverso contém em si a ideia de identidades que se relacionam, se compõem e se toleram como se fosse possível estabelecer diálogos igualitários sem as hierarquias de poder/saber, sendo que a função própria da diferença é borrar as identidades e não instituí-las. Nesse cenário de colonialismo, exclusão e racismo, de acordo com Rodrigues e Abramowicz (2013), a cultura é um dispositivo que atua na diagramação simbólica do social, não só no sentido de procurar representar os grupos sociais, mas também demonstrando um caráter produtivo, de produzir a realidade e instituí-la.

Nos professores após discutirmos e analisarmos essas questões, decidimos que precisaríamos nos aproximar dos conhecimentos dos/as sobre o candomblé e quais as representações haviam no grupo. Consideramos pertinente prepararmos uma ação pedagógica que discutisse as religiosidades e as suas diferentes características, bem como o ateísmo pouco abordado na escola, mas que já havia sido comentado por um grupo de

¹ O filme dirigido por Cheh Chang retrata o diabólico clã dos Manchus, que tenta eliminar todos os seus rivais no kung-fu com o templo Shaolin. Cruéis assassinos contratados pelos Manchus caçam os últimos sobreviventes do monastério. Lançamento: 1974. País de origem: Hong Kong.

alunos não conformados ao descobrirem que seu amigo de sala e dois professores eram ateus essa diferença perturbou muito esse grupo cristão que não concebiam o fato de existirem pessoas que não acreditavam em Deus. Concluídas as ideias, preparamos a sala de aula com seis espaços diferentes, dispusemos sobre as mesas os seguintes objetos:

- Candomblé: velas vermelhas, garrafa de pinga e maçã
- Protestantismo: bíblia
- Budismo: estátua de Buda e incensos
- Catolicismo: bíblia, terço e santinhos
- Ateísmo: uma placa com interrogação e crucifixo

Os estudantes, sem saber da atividade, entrariam na sala e teriam o contato com os materiais, enquanto isso, observaríamos suas reações, atitudes, discursos e a partir delas abriríamos uma roda de discussão sobre essas impressões. As reações foram muitas, desde surpresas, receios, olhares desconfiados, desconfiados e curiosos. Registramos atentamente essa interação:

Vela vermelha é macumba!

Candomblé é usado pelo satã.

Identificamos que a dinâmica está relacionada com as religiões católica, evangélica, macumba e budista.

Faltou a religião espírita, eles acreditam em vida após a morte.

Tem religião de ciganas, tem religião que usa tarô, bola de cristal e lê cartas.

Em algumas igrejas evangélicas acontece a libertação de demônios, só sai com sacrifício e oração.

É complicado comparar capoeira com candomblé.

Religião tem a ver com cultura?

Há países que pessoas estão morrendo por terem religiões diferentes.

Macumba é quando você faz algo de mal para pessoa, oferecendo para o santo algo em troca.

Onde aprendemos que o candomblé faz o mal?

Aprendi na televisão, na rua, jornal e uma pessoa me contou que o candomblé faz o mal.

Qual religião sofreu mais preconceito na dinâmica?

Eu respeito o candomblé, mas não concordo!
Qual a religião que tem um deus da água?
Na Índia, a vaca é um animal sagrado e tem um deus com cara de elefante.
Deus é um só, cada um adora do seu jeito.
O que será daquelas pessoas que não acreditam em Deus quando ele voltar?
Por não me conhecerem tiram conclusões sobre mim pelo fato de eu ser ateu.
O homem bomba acha que vai para o céu.
Bateram cards com santinhos católicos.
Por não conhecer determinada religião, sem querer, causamos alguns insultos.
Qual religião sofreu mais preconceito durante nossa dinâmica?
Precisamos conhecer melhor outras religiões antes de julgá-las.
Qual é a religião oficial do Brasil?
As leis foram feitas na bíblia!
O Brasil é um país laico! O que é isso?
O povo hebreu também realizava sacrifício no antigo testamento.

Na maioria dos tópicos se desdobraram discussões interessantíssimas, onde nós professores questionávamos as verdades absolutas, fazíamos contrapontos e procurávamos apresentar as diferenças entre as religiões ou não crença e a relação entre as religiões e as culturas. À medida que fomos encaminhando nossas discussões os alunos foram compreendendo melhor as relações entre culturas e religiões. Como exemplo: tivemos uma aluna que entendeu muito bem o cuidado com os discursos universais e disse: “Não podemos generalizar, pois dentro da mesma religião evangélica há diferentes igrejas e com costumes diferentes é complicado dizer que todos evangélicos são iguais, pois algumas igrejas as mulheres não usam calças outras já usam, tem igreja que os homens sentam separados das mulheres que usam véu no rosto”. Compreendemos que há diferentes formas de cultuar dentro da mesma religião, pois há diferentes templos, igrejas, centros e espaços religiosos com distintas formas de lidar com seu culto e suas crenças.

As discussões realizadas nas três turmas foram registradas em papel craft e afixadas na parede da sala a pedido de algumas alunas que ficaram curiosas para saber o que foi discutido em outras turmas. Observamos que após a atividade alguns alunos se dirigiram aos colegas e se retrataram, pois haviam ofendido a religião deles por baterem cards com os santinhos católicos. Não fazíamos a menor ideia da amplitude que tomariam nossas discussões e da quantidade de informações que poderíamos colher, no entanto,

nesta complexa teia social, precisaríamos continuar tecendo nosso fazer pedagógico, quando percebemos que a religião que mais sofreu preconceito foi o candomblé.

Apesar de identificarmos a diversidade de simbolismos e formas de cultura presente nas religiões ou até mesmo ver o que não estava visível para nós, ainda não nos havíamos dado conta da tamanha desigualdade que há entre elas, melhor dizendo, a discriminação produzida pela hegemonia religiosa de um grupo. Sobre essa questão caminhamos com Rodrigues e Abramowicz (2013), pois ainda sob o manto da diversidade, o reconhecimento das várias identidades e/ou várias culturas é atravessado pela questão da tolerância, tão em voga, já que pedir tolerância significa manter intactas as hierarquias do que é considerado hegemônico. De acordo com o currículo cultural por mais valorosa que possa parecer, a representação da tolerância para o Outro indica certa superioridade. Em um contexto sociopolítico em que se valoriza a diferença, posturas de assimilação à identidade ou tentativas de seu extermínio são concebidas como inadequadas. É possível encontrar esses discursos de exclusão ou ajustamento em grande parte dos documentos que compõem a política educacional, tais como as propostas curriculares que utilizam a diversidade numa política de assimilação, onde a convivência amistosa entre os diferentes visa incorporar todos à cultura dominante, podemos citar os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Estudos realizados por Rodrigues e Abramowicz (2013) enfatizam que a utilização desse conceito de diversidade pode revelar o surgimento de uma inflexão do pensamento social. Por outro lado, a imprecisão ou o seu uso indiscriminado pode restringir-se ao simples elogio às diferenças, vista como o Outro distante, pluralidades e diversidades, tornando-se uma armadilha conceitual e uma estratégia política de esvaziamento e/ou apaziguamento das diferenças e das desigualdades. Diante dos discursos dos alunos sobre o candomblé, sentimos a necessidade de trazer outros textos com conceitos sobre essa prática religiosa, que não conhecíamos e nem havíamos acessado antes.

Organizamos a assistência ao documentário *Candomblé: Paz e Fraternidade*², com o objetivo de apresentar o universo do candomblé e a história da sua formação religiosa minimizando o preconceito, aproximando o olhar sobre a diferença estabelecendo a leitura e o contato narrado pelo outro (grupo cultural de menor poder). Para o currículo cultural se o que se pretende com a Educação Física culturalmente

² O documentário *Candomblé: Paz e Fraternidade*, dirigido por Mirella Lima pretende esclarecer e minimizar o preconceito em torno dessa religião. Brasil 2011.

orientada é transformar o quadro de grande desigualdade social e garantir a sobrevivência cultural dos grupos que desfrutaram de menor poder, ou seja, permitir que possam controlar a sua representação. Terminado o documentário lançamos as perguntas: *Quais contribuições ou aprendizados o filme nos trouxe? Houve alguma mudança na forma de olharmos para o candomblé?* As respostas foram:

Eu aprendi e achei muito interessante saber que o candomblé só é ruim quando a pessoa usa para o mal, caso contrário, pode também ser usado para o bem e para ajudar os outros.

Mudou sim, pois eu achava que o candomblé era macumba e não uma religião, agora pra mim candomblé é sim uma religião, mudou meu modo de pensar.

Que pessoas podem usar o seu santo para o bem ou para o mal.

Sim, que candomblé não é macumba, como eu pensava, e não é só negro que participa do candomblé.

Digamos que eu não respeitava tanto quanto estou aprendendo a respeitar agora.

Eu respeito à religião, mas não aceito o que eles fazem.

O preconceito não acabou, mas hoje em dia eles têm mais liberdade.

Não, pois tudo que eu assisti eu já sabia.

É bem difícil de ver essa religião na nossa sociedade.

Algumas pessoas pensam que outras tenham que viver na base do que elas vivem.

As pessoas veem essa cultura com um olhar ruim, esse preconceito foi construído pelo povo branco que diz que esse ritual é usado para o mal.

Eu pensava que capoeira era macumba, mas não, a capoeira é uma luta e macumba é uma oferenda de agradecimento aos deuses.

A grande maioria dos/as alunos/as concluíram que parte da construção das ideias preconceituosas é pelo fato de não conhecerem o candomblé, entretanto, não desconsiderando essa visão e inspirados pelo multiculturalismo crítico, acreditamos que seria importante ajudá-los a entender como esse processo de intolerância religiosa começou no Brasil e como os africanos resistiram, lutaram, subverteram, sobreviveram e transgrediram a opressão social durante todos esses anos e ainda enfrentam constantemente casos de preconceito racial, cenas essas que se repetem diariamente nas mídias.

Quando as atividades pedagógicas que configuram o currículo recorrem ao diálogo, e não à tolerância, para desconstruir representações dominantes e construir outras, contribuem para uma melhor compreensão dos processos que as determinaram e com isso transformam tanto os estudantes quanto o sentido da representação. Concordamos com Moreira (1995) quando compreende que a escola seja vista como uma arena política e cultural nas quais formas de experiência e de subjetividade são constatadas, mas também ativamente produzidas, tornando-a um poderoso agente da luta a favor da transformação de condições de dominação e opressão. A obtenção da igualdade depende de uma modificação substancial do currículo, se o currículo não promover situações de reflexão sobre as formas pelas quais a diferença enquanto desvio ou o Outro é produzido não haverá justiça curricular. Moreira (1995) realça a necessidade de se compreender o currículo como parte de uma luta mais ampla entre discursos dominantes e subordinados, o que tem implicações práticas para o modo pelo qual os professores acolhem as experiências e as vozes dos estudantes.

Sendo assim, recorreremos ao trabalho do historiador Jaime Pinsky para ajudar nossos alunos a compreenderem a cruel maquinaria organizada pelos colonizadores portugueses e sua perversa estratégia de dominação, bem como as consequências que até hoje causam dor e sofrimento ao nosso povo, preparamos em Power Point esse material e fomos discutindo e percebendo o tamanho da desigualdade produzida ao longo do tempo. A escravidão, para Pinsky (1988), não é apenas uma “instituição histórica” ou um modo de produção, mas uma maneira de relacionamento entre seres humanos. A multiplicidade de etnias e clãs decorrentes não apenas do aprisionamento do negro, mas do interesse que os senhores tinham em ter escravos de diferentes origens que representaria diversificação de hábitos, língua e religião, dificultando a interação e possível rebelião. Os escravos eram batizados assim que chegavam ao seu lugar de trabalho, recebendo um nome cristão. Pinsky (1988) aponta o catolicismo como sendo uma eficiente forma de controle social, ensinando a mansidão e o conformismo, desestimulando qualquer tipo de revolta ou reação. O autor ressalta que houve exceções notáveis, entre as quais a importante *Revolta dos Malês*, ocorrida na Bahia. O mesmo pode ser dito sobre o candomblé e a capoeira enquanto práticas de resistência. Pinsky nos ajuda a entender que a religião, no período da escravatura, deveria ser um freio para os revoltados, um consolo para os desanimados, uma esperança para os desgraçados, um alento para os fracos, como se dizia na época. É diante desse cenário de intolerância religiosa e controle que mesmo escondidos dentro de suas senzalas os negros resistiam e

reconstruíam sua religião, praticando o candomblé e a capoeira como represália a tantas formas de covardia e opressão. O aprofundamento nos conhecimentos a respeito do processo de escravidão ao qual o povo africano foi submetido e como reconstruiu, pela resistência e luta sua identidade cultural, nos ajudou a compreender como essas desigualdades foram sendo produzidas e impuseram ao negro a condição da diferença.

A consciência dos mecanismos de poder que permeiam as relações culturais constitui outra característica desta perspectiva. As relações culturais não são relações idílicas, não são relações românticas, elas estão construídas na história e, portanto, estão atravessadas por questões de poder, por relações fortemente hierarquizadas, marcadas pelo preconceito e discriminação de determinados grupos. (CANDAUI, 2008, p. 23)

Agora ficou mais fácil entender por que ainda muitas pessoas estranham o candomblé. De que lado da história você está? Quais marcas você traz, do opressor ou do oprimido? Os debates em torno dessas questões nos ajudaram a entender sobre as condições de emergência da capoeira e do candomblé. Os diferentes recursos pedagógicos utilizados tiveram a preocupação de posicionar o negro para além da condição subalterna. Ele passou a ser visto como líder, herói, guerreiro, político, filósofo, escritor, músico e articulador na luta pelos seus direitos. Utilizamos duas letras de música que destacam o papel do negro e sua representação como líder, a primeira foi *Zumbi*, de Jorge Ben Jor, e a segunda foi *Homenagem a Zumbi dos Palmares* do grupo Abadá Capoeira. O trabalho foi desenvolvido em duplas que deveriam ouvir a música acompanhada da leitura da letra, seguida da discussão sobre o que entendemos ou não:

O que é Quilombo?

Quem foi Zumbi dos Palmares?

O que significa Angola, Congo, Benguela, Monjolo, Cabinda, Mina, Quiloa e rebolo?

Quem era a princesa à venda em um grande leilão que veio junto com seus súditos?

Professor, a capoeira veio de Angola como diz na música?

As questões realizadas pelo grupo e pelos professores nos levaram à curiosidade sobre a origem da capoeira. Segundo Brito (1997), existem aqueles que acreditam que a capoeira seja africana, outros que a capoeira é brasileira, pois foi criada pelos escravos que trabalhavam nas fazendas como resposta à opressão sofrida. Mas há também aqueles

que defendem a capoeira afro-brasileira originada no Brasil com elementos de danças e lutas tribais africanas. Tivemos outra questão levantada por uma aluna que gostaria de saber como surgiu o nome capoeira de Angola? Segundo Brito (1997), o nome capoeira de Angola surgiu depois da criação da capoeira regional, pois antes era chamada apenas de capoeira ou capoeiragem. O nome surgiu porque os mestres da capoeira de Angola acreditavam que foram os escravos de Angola que criaram a capoeira. Conhecemos as histórias do mestre Pastinha, representando a capoeira de Angola, e do mestre Bimba, pela capoeira regional. Vivenciamos e comparamos seus golpes, identificamos suas diferenças na composição de seus instrumentos, rodas de capoeira, estilo de jogo, suas composições musicais, suas filosofias, o batizado e os elementos que compõem suas vestimentas e crenças religiosas.

Percebemos que a intolerância religiosa tão discutida na atualidade já se fazia presente no Brasil colonial. Por muito tempo escondidos nas senzalas ou quilombos, nossos irmãos realizavam suas práticas religiosas às escondidas. Neste momento do nosso projeto já conseguíamos responder algumas questões como: a quem interessava o negro como católico? Por que o candomblé é considerado do diabo? Por que as oferendas são macumba, coisas do mal, feitiçarias e demoníacas? Quem são as pessoas ou grupos que se beneficiaram com a produção do negro como macumbeiro, vadio e sujo? Contextualizamos com o filme *Besouro*³, que retrata a forte relação cultural da capoeira e o candomblé, além de suas estratégias para subverter toda opressão e preconceito, resistindo ao longo do tempo e mantendo viva suas manifestações culturais, pois ainda há na atualidade fortes discursos preconceituosos e espaços que dissociam ambos para comercializar a capoeira, negando suas raízes e embranquecendo-a. Observamos pela assistência ao filme que, mesmo passados 40 anos do final da escravidão, ainda o negro era cruelmente explorado e submetido ao trabalho escravo. Mestre Alípio foi o grande articulador da luta e consciência política no Recôncavo Baiano, nos inspirando a agir e intervir, organizando propostas que discutam a importância de contribuirmos com essa luta que infelizmente se faz presente em nossa sociedade.

Vivemos hoje num país cujo Estado é laico, onde os dados de representatividade sobre as religiões nos mostram as marcas dessa longa e cruel forma de opressão. O direito

³ O filme *Besouro* foi dirigido por João Daniel Tikhomiroff e conta a vida de Besouro Mangangá (Ailton Carmo), um capoeirista brasileiro da década de 1920, a quem eram atribuídos feitos heróicos e lendários, a trama relata a luta política dos negros articulada por mestre Alípio e a relação da capoeira com o Candomblé. Brasil 2009.

a uma educação laica já era discutido no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, porém, apenas em 1988, a Constituição Federal, no seu artigo 5º, garante a liberdade de crenças e culto religioso sob pena de qualquer atitude de discriminação e preconceito religioso. Dados do censo demográfico realizado em 2010 pelo IBGE indicam a seguinte composição religiosa: católicos (64,6%), evangélicos (22,2%), ateu, agnósticos ou deístas (8,0%); espíritas (2,0%), candomblé, umbanda e tambor-de-mina (1,6%), seguidores de outras religiões como budistas, judeus, messiânicos, esotéricos, espiritualistas, islâmicos e hoasqueiros (1,6%). Como dissemos anteriormente esses dados só confirmam as marcas de um tempo de hegemonia e profunda desigualdade, mesmo com leis que garantam o direito a distintas crenças e práticas religiosas, assistimos a constantes cenas de preconceito em nosso país.

Discutimos o caso da garotinha de 11 anos atingida por uma pedrada quando voltava de um culto de candomblé no Rio de Janeiro, outra cena lastimável é a guerra religiosa na Síria promovida pelo Estado Islâmico, fatos como esses nos fazem refletir o quanto ainda precisamos lutar contra o preconceito étnico-racial. Como poderíamos mudar essa realidade tão presente em nossa sociedade? Quais intervenções poderíamos elaborar? Quais os principais meios utilizados pelas mídias que produzem ou reforçam o preconceito étnico-racial e religioso? Segundo alguns dos nossos alunos são possíveis as identificações nas novelas das representações de favelas que são marcadas como lugares onde tudo o que não presta está lá, o negro sempre ocupando papel de bandido, empregada doméstica, porteiro e tantos outros papéis subjugados. Identificaram também o preconceito no Facebook com discursos racistas, assim como no futebol mundial e nacional, onde jogadores negros surgem como vítimas de injúrias raciais.

Nosso projeto tinha como tema: *Lutas: Quando nós somos a diferença?!...* Até esse momento tínhamos respondido a questão identificando quando nós somos a diferença e também percebemos as desigualdades dentro desse sistema de produção do outro, no entanto ainda nos restava ir além, o lutar pela mudança das condições injustas, o engajar constante de uma cultura que secularmente enfrenta racismo e discriminação. Assim, propusemos aos alunos que organizassem intervenções como possibilidades de luta e transformação social. Sugeriram e desenvolveram com os colegas dos 5º anos uma discussão sobre o processo de luta e resistência da capoeira e do candomblé e realizaram trocas de experiência sobre a movimentação e golpes de capoeira, finalizando com a roda de capoeira.

Os professores dos 5º anos elogiaram a intervenção, principalmente pelo fato de não caracterizar uma ação onde alunos dos 8º anos ensinam os dos 5º anos, mas a discussão dos diferentes alunos sobre um tema comum no âmbito da troca coletiva, onde os grupos envolvidos aprenderam a partir e sobre a intervenção pedagógica. Outra intervenção foi realizada no intervalo, quando ampliamos as discussões. Foram elaborados vários cartazes com o tema do racismo e as injustiças sociais, valorização da beleza negra, o cabelo black, diversidade e desigualdades. Os grupos fizeram uma belíssima entrada mostrando seus trabalhos e afixando-os em diferentes espaços no pátio da escola. À medida que outros alunos se aproximavam, as turmas do 8º ano conversavam sobre as questões levantadas. Mesmo já muito felizes com as produções realizadas pelo grupo, eles não pararam de nos surpreender, sugerindo uma passeata pela comunidade, onde coincidentemente era próximo do movimento de valorização da beleza da mulher negra organizado pelo CEU Butantã no final do mês de novembro. Unimo-nos a esse movimento fortalecendo a causa e a amplitude das nossas ações, o movimento foi fortalecido com a participação de outras escolas da nossa comunidade, e assim passeamos pelas ruas do bairro reforçando o valor e a beleza da mulher negra, a luta por condições igualitárias, as injustiças que jovens negros da periferia vêm sofrendo e a valorização da cultura negra. Ao longo da nossa marcha, paramos em alguns pontos para refletir juntamente com a comunidade sobre tais questões e finalizamos o movimento assistindo várias apresentações da cultura negra realizadas por artistas da própria comunidade. Com essas intervenções sensíveis às condições em que vivem os grupos de menor força política e aos modos como são constantemente produzidos e posicionados, tentamos transformar esse quadro de desigualdade social, estimulando-os a atuarem na produção da representação do negro, produzindo formas mais justas e democráticas de ser e estar no mundo. Fechamos nosso projeto com uma frase de esperança de Nelson Mandela:

Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.

Para finalizar, registramos algumas falas das professoras e professores que, juntamente com os nossos alunos, se aventuraram na produção coletiva de uma escrita dialógica constante onde fomos tecendo outras possibilidades de produzir novos horizontes:

Acredito que só estando na escola pública e vivenciando suas peculiaridades, é que podemos desenvolver um trabalho que seja adequado a cada aluno, cada escola.

Agradeço a vocês, caros leitores, por nos acompanharem até o final do nosso projeto e profundamente ao Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da FEUSP, ao grupo de professoras do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e seus organizadores, pois esse projeto só alçou novos voos ou ampliou suas dimensões porque teve uma produção coletiva pensada, organizada, dedicada e comprometida com uma educação pública inclusiva e de qualidade.

O processo e o desfecho de todo o trabalho realizado dentro da escola foram absolutamente importantes na minha formação enquanto docente. Durante cada etapa eu pude compreender as dificuldades que acontecem dentro de uma escola pública, mas também pude perceber o quão relevante pode ser o trabalho de um professor dentro dessa instituição, uma vez que está motivado e disposto a fazer um bom trabalho, e também a modificar de alguma forma a vida desses alunos.

Posso dizer com toda a certeza que minha participação no PIBID me fez repensar, construir e desconstruir diversos dilemas sobre o papel do professor dentro da sala de aula, e que devemos seguir batalhando por uma educação justa, professores qualificados e por uma escola que acolha a todos. Pois, como discutimos com os alunos durante todo o projeto, nós somos a diferença.

Participar do projeto nessa segunda escola, me fez desconstruir ainda mais a ideia que eu tinha de que Educação Física só acontecia na quadra, quando os alunos jogavam algum esporte. Pude entender que quando os alunos se integram ao que está acontecendo e, principalmente, quando as atividades fazem sentido para eles, podemos trabalhar e desenvolver assuntos variados.

Foi realmente tocante é gratificante fazer parte do projeto e poder compartilhar experiências e aprender tanto sobre tantos assuntos e modos de vida diferentes.

Acredito que essa visão da educação, a qual não privilegia formas de conhecimentos únicas, pode ser levada a qualquer contexto escolar, e isso permitirá o acesso a diversas culturas e a construção de significados e valores mais democráticos.

A experiência adquirida vai além de apenas uma experiência universitária, é um conhecimento que deve servir como exemplo para as futuras práticas educacionais, ou seja, o PIBID não me modificou só como educadora, mas como cidadã, pois me deu a oportunidade de trabalhar com uma realidade comum na sociedade brasileira, mas incomum dentro da Universidade de São Paulo.

Apesar de ter tido um começo confuso, com alguns problemas e dificuldades o PIBID me proporcionou uma experiência que eu jamais pensei viver. Entrar em uma escola pública, se posicionar como professora para alunos do 8º ano e dar uma aula parecia algo inatingível, que se tornou rotina.

Referências Bibliográficas

BREDA, M. et al. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas**. São Paulo: Phorte, 2010.

BRITO, E. P. **Os fundamentos da capoeira**. Goiânia: Gep, 1997.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. **Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NEIRA, M. G. **A reflexão e a prática de ensino - Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

PINSKY, J. **A escravidão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, T. T.; MOREIRA, A. F. B. (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.